

WILLIAM PITT CONDE DE CHATHAM

Por PINHEIRO CHAGAS.

O talento é ás vezes hereditario. Parece que muitas vezes o genio se vincula n'uma familia, e passa, como um legado santo, de pais a filhos. Raramente comtudo deixa de acontecer que um dos vul-

los d'essa tribu de homens notaveis se eleve tanto acima dos outros, que brilhe um d'elles com tamanho esplendor que as outras figuras fiquem sumidas na sombra, e apenas recebam um reflexo da luz que dimana do astro principal. Bernardo Tasso, o pai do cantor da *Jerusalem Libertada*, seria um

poeta distincto, se o vate de Godofredo não o fizesse entrar na classe secundaria dos satellites. Napoleão III seria talvez considerado como um grande homem, se a figura magestosa de Napoleão I soffresse confrontos. Augusto ainda avultaria mais na historia se o acaso o não fizesse sobrinho de Cesar.

Não acontece assim com o vulto, cuja biographia vamos esboçar rapidamente. William Pitt conde de Chatham, foi pai do outro celebre William Pitt, conhecido pelas suas grandes qualidades de estadista, e pela energia com que sustentou uma guerra implacavel contra Napoleão. Para o distinguirem d'elle dão os biographos ao primeiro Pitt a qualificação de Pitt o *antigo*, mas não ousam decidir qual d'elles deu mais illustração á sua familia, mais gloria á sua patria.

Filho de um fidalgo, que dissipára a muita riqueza da sua casa, William Pitt vio-se obrigado a comprar uma patente de alferes de cavallaria, afim de poder viver com a decencia indispensavel a um membro da alta aristocracia ingleza. Não convinha porém nem á sua indole nem á sua saude a vida militar. Uma doença grave interrompeu-lhe a carreira, e a leitura dos grandes historiadores e politicos da antiguidade, abrindo um novo horisonte á sua intelligencia, revelou-lhe a sua vocação de estadista. Quando melhorou, fez todos os esforços para ser eleito deputado, e conseguiu entrar na camara dos Communs, como representante de um burgo, que fazia parte do fraquissimo resto dos seus dominios hereditarios.

Logo revelou a eloquencia, que lhe devia dar tanto nome. Alistou-se nas fileiras da opposição, e guerreou sir Roberto Walpole, cuja administração perdularia lhe desagradava. O rei Jorge II e o principe de Galles andavam n'essa occasião dissidentes um do outro. Pitt defendeu, n'um brilhantissimo discurso, o herdeiro da corôa, que, nomeando-o gentil-homem da sua camara lhe attrahio as perseguições do ministerio, e com a perseguição a popularidade.

Tal foi essa popularidade que muitas pessoas opulentas, entre outras a duqueza de Marlborough, lhe deixaram legados importantes para recompensarem o seu patriotismo.

Andava então accessa a guerra entre a Inglaterra e a França. Não eram felizes as armas britannicas, e o rei, vendo despopularisado o seu ministerio, viu-se obrigado em 1756 a chamar ao poder o duque de New-castle, e com elle Pitt, a quem confiou a pasta dos negocios da guerra.

A energia indomavel, que caracterisava o celebre ministro, revelou-se logo no modo como dirigio e activou os preparativos, organisando a milicia nacional, e projectando um desembarque nas praias francezas. Não o ajudava muito el-rei, movido pelo antigo rancor; Pitt, irritavel em extremo, demittia-se; forçado pela opinião publica, viase de novo Jorge II obrigado a chamal-o ao ministerio. Assim andou n'estas alternativas, mas entretanto a França ia perdendo as suas mais bellas colonias, e, graças á audaz iniciativa do ministro inglez,

via a Grã-Bretanha tremular victorioso o seu pendão em todos os mares, e estender-se cada vez mais o immenso territorio das suas possessões ultramarinas.

Comtudo Pitt tinha defeitos graves; a mais leve contradicção o irritava, e n'esses momentos não respeitava direito das gentes, não respeitava coisa alguma. Violou diferentes armisticios, e quiz uma vez aprisionar a esquadra hespanhola por que suspeitava que a Hespanha estava para se alliar com a França, e para declarar guerra á Grã-Bretanha. Oppoz-se o resto do ministerio; Pitt irritado demittiu-se, mas teve a gloria de ver dos bancos da opposição os acontecimentos confirmarem as suas suspeitas.

Doente já, orou tres horas na camara contra um acto ministerial, foi de novo chamado ao poder, nomeado visconde Burton, conde de Chatham, e membro da camara dos lords. Voltava moribundo á camara a defender os seus actos, até que uma vez, querendo responder a uma interpe'llação do duque de Richmond, caio desfallecido na sua cadeira. Transportaram-n'o; para casa onde morreu n'esse mesmo dia, 17 de abril de 1778.

A nossa gravura representa a scena, em que a natureza trabindo a energia do grande orador, lhe cortou a palavra no meio dos seus amigos e adversarios politicos igualmente consternados. A morte, apparecendo no limiar da sala das sessões, e riscando o nome do conde de Chatham da lista dos vivos, congraçou n'um só sentimento doloroso os homens, havia instantes, divididos entre si pelas mais profundas animadversões.

O TABACO

É, realmente, obra muito ingrata ir atacar um costume degenerado em paixão, e que domina por toda a parte. Não receiamos, porem, tornarmo-nos aqui o echo de algumas vozes authorisadas, que de tempos a tempos se levantam, para advogar a causa da verdade e do bom senso; crêmos até praticar um acto de bom cidadão reproduzindo algumas das considerações pelas quaes o doutor Jolly, membro da Academia de medecina de Paris, tentou chamar á prudencia os fumadores de todas as idades e condições *Os estudos hygienicos e medicos sobre o tabaco*, publicados pelo erudito doutor em um compendio de hygiene, despertaram a attenção geral. Foram examinados pela Academia de medecina e merecem ser lidos e meditados por todos.

A importação do tabaco na Europa data dos annos de 1518. Parece que é devida a um missionario hespanhol, Fra Romano Pone, companheiro de viagem de Christovão Colombo, o qual teve a idéa de enviar a Carlos V a semente do tabaco, depois de haver observado entre os sacerdotes do Deos Kiwasa os effeitos da embriaguez produzida pelas folhas d'esta planta acre e venenosa.

Data d'esta epocha a cultura do tabaco na Europa. O governo hespanhol não tardou a cultivá-lo

em grande escala na ilha de Cuba, e nós, os portuguezes, seguimos este exemplo no Brazil. O cardeal de Santa Cruz, nuncio do papa em Portugal, importou o tabaco na Italia, o que fez dar em principio á planta o nome de herba de Santa Cruz. Emfim, em 1560, João Nicot, embaixador de França em Lisboa, que tinha em si proprio experimentado o pó do tabaco contra a enxaqueca, offereceu-o á rainha Catharina de Medicis, e assim o tornou conhecido em França, sob a forma de tabaco de cheiro. Foi isto que fez dizer que o tabaco, depois de ter viajado por mar e por terra, em toda a Europa, dera entrada em França pela estrada do nariz.

A rainha Catharina e seu filho Francisco II sofriam ambos de uma pertinaz enxaqueca; por conseguinte, o novo remedio teve o mais favoravel acolhimento. Mas a historia não diz se elle se mostrou efficaz. Em todo o caso, se o tabaco curou as enxaquecas d'aquella epocha, é forçoso confessar que d'então para cá tem perdido muito da sua virtude.

O tabaco de cheiro correu rapidamente por todas as classes da sociedade, como todas as modas absurdas e excentricas.

Longe de enfraquecer com o tempo, o seu uso desenvolveu-se como uma verdadeira epidemia. Nos reinados de Luiz XIII e Luiz XIV, era quasi da etiqueta apresentarem-se os nobres na côrte, de rapadura na mão, *bofes* salpicados de tabaco, nariz aluhlado d'aquelle pó negro e os vestidos perfumados com o seu cheiro. As rapaduras cederam o lugar ás caixas, quando a industria achou o meio de pulverisar o tabaco de um modo mais completo, e crê-se que o uso das rapaduras e tabaqueiras tem enormemente contribuido a propagar o emprego do tabaco de cheiro.

Muitos medicos se pronunciaram contra o abuso d'esta planta exotica. Fagon, que mais tarde foi elevado a primeiro medico de Luiz XIV, estreiou-se por uma thèse brilhante contra o tabaco. Desgraçadamente, esta opposição não suspendeu os progressos do mal. Veio depois a Igreja, mas tambem nada conseguiu. Uma bulla do papa Urbano VIII excommungava todos os que tomassem tabaco dentro das igrejas. Esta ameaça não suffocou o desejo. O sultão Mahomet IV prohibiu o tabaco sob pena de morte. O grão-Duque de Moscovia, Miguel Federovitz, mandava enforcar os tomadores! Um rei da Persia mandava-lhes cortar o nariz!

O tabaco, porém, saiu victorioso de todas estas perseguições, e quando, sob os reinados de Jacques I de Inglaterra e Christiano IV de Dinamarca, o castigo se limitava apenas a multas pecuniarias, o habito do tabaco foi olhado como um privilegio dos ricos!

Mas ainda aqui não pára. O cachimbo já em uso em toda a Allemanha e nos Estados do norte, depressa deu a sua entrada triumphal na côrte de França. Alli foi introduzido pelo celebre João Bart. O exemplo foi logo seguido por muita gente. Luiz XIV surprehendeu um dia suas filhas fumando ás escondidas!

O exercito de terra recebeu o cachimbo das mãos da marinha. O uso do cachimbo generalisou-se durante o cerco de Maestrich, e d'ahi em diante começaram a occupar-se quasi tanto da provisão do tabaco como da dos viveres. Conhecia-se perfeitamente que o tabaco enfraquecia o appetite e retardava a digestão; mas era uma distracção para os soldados no acampamento.

Hoje seria difficil dar a razão porque se fuma. Grandes e pequenos fumam, como se come, como se bebe, como se dorme. Parece que o tabaco faz parte da nossa existencia. Estranho desvio! Houve um medico, o doutor Demeaux, que ousou propor a introdução official do tabaco nas escolas, como meio de moralisação para as creanças!!

Nada mais proprio pôde haver para dar uma idéa do grande desenvolvimento que o consummo do tabaco tem tido em França, do que a inspecção dos algarismos que representam o producto annual do imposto fiscal d'este genero.

No fim do seculo passado, o tabaco não produzia ao thesouro mais de vinte a trinta milhões de francos, cujos dois terços eram attribuidos ao tabaco de cheiro, e um terço unicamente ao de fumo. Depois de 1810, anno em que foi restabelecido o monopolio, o consummo augmentou rapidamente. Eis, por periodos de cinco annos, a importancia das sommas que, durante cincoenta annos, este systema tem feito entrar nas caixas do estado:

1811 a 1815	307:000:000
1816 a 1820	311:000:000
1821 a 1825	327:000:000
1826 a 1830	336:000:000
1831 a 1835	350:000:000
1836 a 1840	431:000:000
1841 a 1845	522:000:000
1846 a 1850	589:000:000
1851 a 1855	696:000:000
1856 a 1860	892:000:000

A receita de 1861 eleva-se a 215 milhões. Juntando esta somma ás que produziram os annos de 1811 a 1860, encontra-se um total de 5000:000:000! E esta somma não representa a totalidade da despesa feita pelos consummidores de tabaco. Pode-se, sem receio de erro, acrescentar 2000:000:000 proveniente de tabacos e charutos entrados em França, utensilios de fumadores e tomadores, percentagens a, pouco mais ou menos, 36000 vendedores. O total seria de 7000:000:000!

É preciso não esquecer que o decreto de 19 de outubro de 1860, que de uma vez elevou o preço dos tabacos a mais 25 por 100, contribuiu muito para o augmento da receita n'estes ultimos annos. Mas esta circumstancia pouco influe ainda sobre o resultado geral da comparação que tentamos estabelecer. Vê-se, pois, que o redito do fisco, que durante a epocha comprehendida entre 1811 a 1835 era apenas de 1632:000:000, eleva-se repentinamente a 3130:000:000 nos vinte cinco annos seguintes. Como, alem disso, as estatisticas da administração provam que o beneficio do thesouro aug-

mentou mais depressa do que a receita bruta, pois que as despesas que absorviam, em 1816, 40 por 100 da receita bruta, não excediam, em 1860, 22 por 100, comprehende-se a attenção que o fisco deve prestar a uma fonte de receita tão abundante e productiva. Em 1861, os 215 milhões produzidos pelo imposto do tabaco, formaram um quinto do rendimento dos impostos e contribuições indirectas. O que distingue sobre tudo o imposto do tabaco, o que faz com que o governo vigie sempre para que seja mantido e augmentado o mais possivel, sejam quaes forem os inconvenientes e os perigos reconhecidos de uma droga inutil e morbosa, é que a sua marcha tem sido sempre rapida e imperturbavelmente ascendente, que nada o faz parar, nem as guerras, nem as revoluções, nem as fomes, nem as crises commerciaes.

Dá-se, porém, uma cousa muito curiosa; e vem a ser que, de 1832 em diante, o consummo do tabaco de cheiro tem consideravelmente diminuido. Em 1842, a terça parte das receitas provinha do tabaco de cheiro; em 1863 uma sexta parte somente. Póde-se affirmar tambem que n'aquellas provincias onde a mortalidade é maior, o tabaco de fumo tem muito maior extracção do que o de cheiro; o contrario tem lugar n'aquellas em que a mortalidade é menor.

Segundo M. Jolly, em 1860, o consummo do tabaco de fumo, foi, nas provincias do norte da França, de 1793 grammas por cabeça; de 1366 grammas no Pas-de-Calais; de 1178 grammas no Alto-Rheno, etc.—No meio-dia, apenas 102 grammas em Charenté; 103 em Tarn; 144 em Lozère, etc.

Tomando o termo medio, M. Jolly, calcula um consummo annual de 8 kilogrammas de tabaco por fumador; o que talvez seja um pouco exagerado.

Com effeito, as estatisticas da administração mostram que o consummo, que era de 14 milhões de kilogrammas em 1816, elevou-se a 20 em 1852, e a 22 em 1860, o que dá um resultado de, pouco mais ou menos, 800 grammas por cabeça. Admittamos que, em 38 milhões de habitantes, haja 10 milhões de fumadores; isso daria a media annual de 3 kilogrammas por cabeça. Esta cifra deve parecer enorme se se attender a que corresponde a um gasto de 30 a 36 francos por anno, isto é, o equivalente a dois terços do gasto individual de pão, cujo consummo se eleva á media de 3 por bocca.

Quantas vezes se não vê o obreiro, reduzido a optar entre a compra do pão e a do tabaco, optando a final por este ultimo! Quantos fumadores não excedem a media que estabelecemos!

Não nos occuparemos do quanto custam á França os vinte mil hectares de excellentes terras que a cultura do tabaco rouba á agricultura; não entraremos tão pouco na analyse das coisas mesquinhas que o tabaco tem introduzido nos habitos da sociedade e nos da familia; limitar-nos-hemos, apenas, a considerar, com M. Jolly, a questão pelo seu lado hygienico.

Parece estabelecido, pelas estatisticas medicas, que as doenças nervosas augmentam em uma propor-

ção espantosa: as doenças mentaes, as paralyrias geraes e progressivas, enfraquecimentos do cerebro e da medulla espinhal, emfim certas enfermidades cancerosas, taes como os canceros dos labios e da lingua, parecem caminhar em paralelo com as rendas do Estado devidas ao imposto do tabaco. Ultima coincidência afflictiva: o movimento progressivo da população pára ao mesmo tempo que se eleva a cifra esmagadora do consummo do tabaco!

Estes effeitos manifestaram-se depois que o habito de fumar supplantou o de cheirar. É preciso reconhecer que o tabaco de cheiro, embora não seja isento de perigo, está, comtudo, longe de prejudicar a saude geral, como o cachimbo e o charuto a prejudicam. Pode-se affoutamente dizer que no dia em que a humanidade começou a fumar, começou a envenenar-se.

Effectivamente, será ainda objecto de duvida a natureza venenosa do tabaco, quando está reconhecido que as folhas d'esta planta conteem 2 a 7 por 100 de nicotina, (1) um dos máis terriveis venenos vegetaes, que a therapeutica baniiu do seu quadro, e que só o crime pode escolher para cumprir atrozes projectos? O oleo essencial de tabaco, muito rico em nicotina é tambem um veneno fulminante: algumas gotas bastam para dar a morte. Uma simples infusão de folhas de tabaco, tomada em crysteis, matou um doente. O celebre poeta Santeuil foi formalmente atacado depois de um grande banquete a que assistiu, por ter bebido um copo de vinho de Hespanha, no qual um dos convivas tinha deitado o rapé que se continha na sua tabaqueira. Toda a companhia riu d'esta engraçada travessura, excepto o pobre poeta que d'ella morreu! A simples applicação de folhas seccas de tabaco sobre a pelle é sufficiente para produzir gravissimos accidentes.

Tudo isto é, sem duvida, conhecido; só, por uma estranha cegueira, se não quer comprehender que uma substancia tão perigosa seja offensiva, quando consummada em pequenas doses, mas de uma maneira regular e constante.

Os tabacos não tem todos a mesma força, pela razão da sua desigual riqueza de nicotina: os tabacos, que conteem pouca, são muito menos prejudiciaes á saude do que os tabacos francezes que conteem 7 por cento e mais, d'aquelle veneno, segundo as averiguações dos químicos Henry, Barral, Schloesing, e outros.

Continua.

A obrigação do Principe he lutar com este gigante, que é o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Protêo e Achelôo, que se transforme em leão e em cordeiro, que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua.

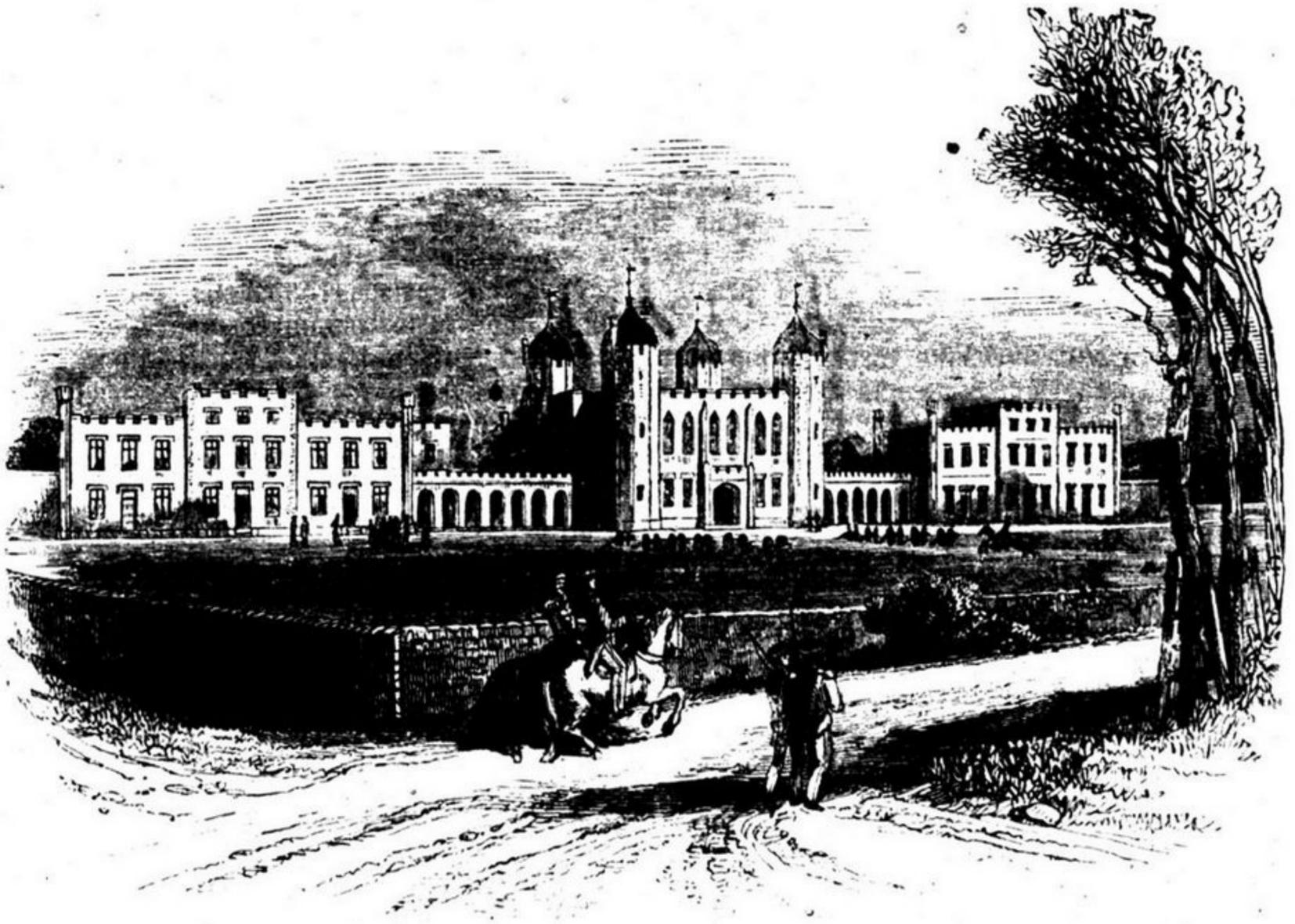
PADRE ANTONIO VIEIRA.

(1) Os tabacos do Brasil e da Havana conteem apenas 2 por 100 de nicotina, o da Alsacia 3 por 100, do Kentucky 6, os da Virginia de Lot-et-Garonne, etc., mais de 7 por cento. Os tabacos do Levante conteem mui pouca.

ESCOLA MILITAR DE WOOLWICH

A cidade ingleza, onde existe a escola militar, que a nossa gravura representa, faz parte do condado de Kent. Construida nas margens do Tamisa, conta 23:000 habitantes, mas nem é a sua população nem a sua grandeza que deve a sua muita importancia. Esta importancia provém-lhe toda de possuir dentro dos seus muros o mais vasto e o

mais opulento arsenal da Inglaterra. Além de immensos quartéis encontram-se alli todos os estabelecimentos necessarios ao serviço de artilheria; immensas officinas, onde se fabricam espingardas, canhões, etc.; vastos depositos d'armas, projectis e munições de toda a especie, tanto para os exercitos de terra como para os exercitos do mar. Em parte nenhuma do mundo se encontram essas coisas em tão prodigiosa quantidade. A opulentissima



Inglaterra não poupou o dinheiro, que as suas vastas possessões, o seu desenvolvidissimo commercio lhe grangeiam para se abastecer exuberantemente de tudo quanto d'um para outro momento se pôde tornar necessario á defeza do seu territorio, ou dos seus interesses, ou á sustentação da sua influencia na politica europeá. Para se fazer idéa dos recursos de que dispõem as tropas inglezas, e que estão em grande parte accumulados em Woolwich, bastará dizermos que havia nos arsenaes d'esta cidade em 1849, vinte e quatro mil peças d'artilheria, e mais de quatro milhões de balas para serviço d'essas peças.

A numerosa marinha britannica tambem dispõe em Woolwich de vastos edificios. Alli ha estaleiros para a construcção de navios de guerra, cordoarias, emfim, todos os estabelecimentos necessarios para a construcção e equipamento d'essas immensas frotas, que vão tremular em todos os mares do globo o audaz pendão do leopardo, e que impoem a todos os povos o respeito do nome e da nacionalidade da Grã-Bretanha.

Mesmo em tempo de paz, trabalham diariamente em Woolwich tres a quatro mil operarios.

A escola militar, que a nossa gravura apresenta, é uma escola especial d'artilheria. O numero dos seus discipulos está fixado em oitenta.

A GALATÉA MODERNA

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

V

Alfredo de Mello a Antonio Alvares

Meu caro amigo.—A minha doença ainda não fez crise. O estado pathologico, como dizem os medicos materialistas da época, prosegue sem alteração. Mas se o coração, considerado como viscera importante do organismo, pulsa regularmente, olhado como sede do sentimento, continua no seu anceiar por esperanças illusorias, descortinando ao longe, em paragens distantes, um pallido alvorecer de nova vida e gosos novos.

E comtudo o repouso é agora relativamente normal, comparado com as estranhezas do principio. Da tua ultima carta conclui, não sem um sorriso de commiseração, que muito te arreceiavas do meu natural pendor para aventuras romanescas. Dizes que devo de ser cauteloso, evitando tentações de

feiticeira, que almeja mais vastos horisontes para o seu voltear trefego e vertiginoso.

Tens a bondade de me chamar criança, que se deixa enganar com ouropéis e fallacias, que os meus ouvidos transformam em quebros melodiosos de rouxinol.

Acrescentas que os meus vinte quatro annos foram gastos em ler romances, os quaes lançaram no meu coração, já perfeitamente preparado, as sementes d'essa poesia ruim, que enleia o homem, entibia-o, mostra-lhe o mundo cheio de vicios e torpezas, enche-lhe a solidão de affectos e prazeres, e a final arrasta-o fatalmente ao tumulto.

Continuas ainda, e cada vez em tom mais stridulo, que a harmonia está no trabalho, e fóra d'elle o ranger dos condemnados; que a vida contemplativa exacerba a doença, e conduz a alma ao scepticismo e extasis religiosos, apanagio de fanaticos, ou ao idiotismo simples, o que é pertença de Rilhafoles.

Afinal, e por encurtar mais rasões e periphrazes somnolentas, aconselhas-me que saia daqui, d'este cantinho do mundo, cujo maior crime é, na tua opinião, o ser tão retirado, que nem mesmo mereceu as honras de apparecer na carta de Portugal.

Não sei se devo tomar a serio este kyrie de conselhos, que parecem de homem assisado, grave, amaneirado e de muito juizo e consciencia como não devias de ser, porque nunca subiste ao capitolio de S. Bento, nunca *pediste a palavra*, nem escreveste artigo de fundo; és immaculado de todas as artimanhas politicas e sociaes, vives no teu cenobio, gosando os prazeres austeros e sacrosantos da sciencia, adoras o X giganteo do universo, contemplos e observas de noite, quando o murmurar dos homens emmudece, as estrellas, que sulcam ethereas ondas. Pois que! És tu, em verdade, o auctor da carta, que recebi? Foste tu quem escreveu tantas necedades em tão pouco papel? Lastimo-te, do fundo d'alma. Lastimo-te e abjurar-te-hia, se o erro não fosse do homem. Ah! meu amigo, quem me dera arcar com os perigos, que tu estás antevendo com tanta perspicacia, e de que queres arredar-me... com tanta rudeza! Prouvera a Deus que eu visse a meus pés, hiante, esplendido, fascinador, esse abysmo, que te atemorisa. Prouvera a Deus, que me arrojara lá, ao seio das ondas, corpo a corpo com a sereia madida. Como ella havia de embalar-me nos seus braços voluptuosos ao sabor das vagas indolentes, cantando-me toadas maviosas! Como ella havia de allumiar as trevas da noite com o fulgor dos seus olhos, e mostrar-me as mil pedrarias, as columnas adamantinas, os frisos de amethysta, as empenas de esmeraldas e onyx, as laçarias de topazio e cristal, os rendilhados phantasiosos, as maravilhas infinitas do seu palacio encantado! E depois, quando farto já de tanta opulencia e a sereia me descerrasse as portas do gynecu esplendido, como havia de reclinar a cabeça no seio d'ella, e ouvir-lhe o coração a palpar, até que a morte me arrebatasse no meio d'aquelle somno de amor!

Chegando a este ponto da carta, a tua zanga to-

cou as raias do licito, e vomitas improprios e pragas capazes de me soterrarem nas mais intimas profundezas do inferno.

—Sê maldicto, tres vezes maldicto, bradarás n'um raptio de desespero e raiva. Corres á perdição, e de balde te esconjuro.

Escusas de erguer a cabeça da tua retorta, ó meu pobre amigo. Não é mister que arredes os olhos dos astros, que brilham no firmamento, como lampadarios longinquos na cupola do grande templo.

Podes seguir com a vista a lua melancolica envolta em veu de lhama e que, segundo a formosa imagem de uma poetisa franceza, parece hostia alevantada por antistite invisivel no tabernaculo do universo. O teu amigo, o que te escreve esta carta, é puro e immaculado de todas as torpezas e voluptuosidades pagãs. Não o tentam sereias com os seus cantares maviosos. As Messalinas em vão se envolvem nas suas roupagens vaporosas e pintam o lindo rosto com mil cosmeticos da Arabia.

Debalde entoam hymnos anacreonticos os escravos que tangem lyras em volta do triclinio dourado. É tudo em vão, bem devias sabel-o. A cima das mundanidades está a verdade; acima da sensação o sentimento. Por isso, repito, e será esta a ultima vez, não te arreceis de mim. Se eu delirar, não será nos myrtaes da Grecia, libando o mel do Hymeto; mas sim na Scandinavia, ouvindo o cantar suavissimo das virgens, que choram a morte da Fingal e entoam o hymno funebre, o *coronal* sentido nos basaltos songros das Orcades.

Por essas se apaixonara o proprio S. Bruno, apezar dos seus extasis, porque as tomara como visões sidereas, como enviadas do Senhor, como seraphins purissimos, que cantam em chorèa angelica o trisagio celestial.

Ante uma dessas virgens vaporosas, cujos cabellos agitados pela brisa do norte se tornam em raios de aurora polar, curvara-me reverente, como tocado do fogo divino.

E se ella se dignasse de baixar os olhos para mim e sorrir-me envolta na sua aureola, amara-toda a vida, porque toda a vida me fóra enlevo e perpetuo arrombamento. Ah! Aonde encontrar esse anjo purissimo, apezar da argila, que o reveste! Aonde buscar esse ideal, recendendo ainda aromas do empyreo, bafejado ha pouco pelo creador, tendo nos olhos essa placidez profunda, que denota innocencia, quasi inconsciente? Aonde? Quem podera sabel-o!

—Mas abi, nesse tecto hospitaleiro, nessa *honra* dos Viegas, prosegues tu, vive uma donzella formosa, azougada tentadora, olhos humidos, rosto lindo, ora pensativa, melancholica e pallida, ora louçã, petulante, alegre. Respiras abi o bafio, que sae de um peito arquejante, inebrias-te com fragancias de dezoito primaveras. E afinal, quem póde resistir a um combate, cuja victoria fica ignorada e esquecida, e custa lagrimas e arrependimentos ás vezes?

Isto dizes, e acabas aconselhando-me a fugir por evitar maior damno e estrago.

A tua voz é a de rasão fria, mas a rasão nem

sempre é razoavel. Dado que a minha posição aqui fosse analoga á do homem que adivinha um precipicio, e não sabe evital-o, ainda assim, não seria cobardia, ou demasiada prudencia fugir vergonhosamente? Estou na idade, em que o coração muito tempo comprimido por falsos sentimentos de scepticismo e requintados respeitos pelo que é de uso chamar *conveniencias sociaes*, acceta a lucta travada com as tormentas da paixão, com esses mil nadas que custam muitas lagrimas, muitos desesperos, muitos suspiros dolorosos, que mais realçam os raros momentos de felicidade purissima.

Tu, que és homem hyperbérico, mal podes comprehender esta attracção irresistivel, que me arrasta ao supplicio e aos extasis. Tu, que es homem positivo, não avalias o que é soffrer aos pés da mulher adorada, implorando um olhar, que muitas vezes é punhal a dilacerar-nos o coração.

E queres que fuja! E ousas aconselhar-me que saia da liça, logo ao primeiro golpe! Não, mil vezes não!

Os homens fazem-se assim. A vida é a lucta com o desconhecido. E que coisa mais desconhecida que o coração de mulher! Ah! mas todas estas reflexões phylosophicas, que o divino Platão não renegara, não tem cabida aqui... porque Violante é o mysterio feito donzella. Ha mais de um mez que estudo esse problema esplendido, e a equação que ha de resolvel-o ainda não houve estabelecê-la. Violante é o camaleão mythico e incomprehensivel. Umaz vezes, pesquisador audaz, quando intento descer ao fundo do coração d'ella, encontro... cinzas e nada mais. Violante affigura-se-me então uma d'essas estatuas antigas, em que o cinzel de Phidias affeioou o marmore hellenico para lhe collocar lá dentro, no intimo do peito..... uma urna funeraria.

Outras vezes as cinzas agitam-se bafejadas pelo sopro creador do archanjo e a estatua fria, marmorea, impassivel, chora, geme, e soluça como virgem encarcerada em mosteiro alpestre.

A zombaria succede o pranto; á aerimonia a doçura, á ironia pungente a lenidade amorosa. Em fim não posso, por entranhados que sejam os meus desejos, photographar-te esta alma, que reflecte mil cambiantes, mil gradações diversas... talvez porque lá dentro ha muita poesia, ha muitos prantos, aonde os raios de amor se refrangem e produzem esse iris encantador, que nem sempre precede a bonança.

E comtudo, ó meu caro amigo, a minha situação é, relativamente, feliz e socegada. Entre mim e Violante estabeleceu-se certa intimidade contida nos mais estreitos limites do decoro.

Esta intimidade tão doce, córtada perpetuamente pelas irritações incomprehensiveis de minha prima, constitue um enlevo, a que não ha resistir.

Durante as nossas conversações, que se amiudam cada vez mais, borboleteamos descuidosamente por todas as litteraturas conhecidas, desde o canto informe e imaginoso do selvagem até ás estancias perfumadas e sentidas de Lamartine e Soares de Passos. E não julgues que a minha supe-

rioridade me serve de muito. Violante, que ajunta bastantes conhecimentos á muita perspicacia, a qual se traduz, ora em petulancia coruscante, ora em modestia melancolica, leva-me muitas vezes vantagem e obriga a callar o professor. Ah! É que todas as minhas idéas se confundem quando ouço aquella falla tão argentina e maviosa.

Já vês que o meu estado é invejavel. Não procuro o perigo, mas tambem o não evito. Estou preparado para a lucta, se houver inimigo que queira investir-me. Desconfio porém que por ora, e talvez, para sempre, o idyllio só seja interrompido pelas vaias innocentes de Violante... e pelas narrativas do velho cavalleiro, cuja espada brilhou ao sol das batalhas, como elle diz emphaticamente. Desnecessario é acrescentar que o velho realista tem em mim um ouvinte attencioso e reverente, que nem pestaneja no discorrer mais dicaz.

Sei applaudir, quando o applauso cae do molde, e de tal sorte me affiz a este seroar patriarchal, entre o pai, a filha e o cura da aldeia, que nem sei como se vive no *Gremio* ou no *Martinho*, ou como se pode ouvir de uma feita quatro actos de opera em S. Carlos ou de drama em D. Maria.

Vae já bem longa, e por ventura muito fastidiosa, esta carta; mas não quero fechal-a sem responder a uma pergunta, que me fizeste com inexcedivel desplante e hombridade sem igual.

Tomaste uns ares de inquisidor, engrossaste a voz pedagogicamente, e disseste como o doge no Othelo:

— Já te arriscaste a alguma declaração?

A phrase é textual e fique-te a responsabilidade d'ella.

Continuas logo: «Isso a que eu chamo *declaração* é o maior arrojo a que pode abalançar-se um namorado verdadeiro. Outrora, quando nos tempos cavalheirosos o brio e pundonor envolviam a terra no seu manto de delicadeza, uma declaração era coisa simplicissima.

«O bardo envergava o arnez e a cota de malha, brandia a acha, cavalgava ginete farfante, derrubava na liça o contendor, e apregoava rainha da belleza e dos amores a alvidrosa donzella, que o enfeiticava.

«Assim faziam cavalleiros enamorados; assim fazia o rei Arthur, assim faziam os doze de Inglaterra. Quando porém o cynismo revoltado surgiu nas ondas da orgia, quando D. João V, ou Luiz XV deram leis de galanteria, confundiu-se a declaração com o beijo luxurioso, que nem mesmo era freme.

«A esses tempos de impudicos e venaes prazeres seguiram-se os nossos de hypocrisia e falso recato.

«Ravenswood pode salvar tres vezes a sua Lucia, que nem assim lhe é licita uma declaração senão depois de muitos rodeios sapientissimos e rigorosamente metricos.

«O amor é agora uma sciencia positiva e exacta. O amor é a arithmetica do coração.

«Esta nova applicação dos numeros, que escapou ao proprio Gauss, tem os seus principios e axiomas; tem as suas deducções e scholios.

«Desgraçado de quem ignorar estas artimanhas sociaes, que para logo será posto a um canto, como soez e indigno da illustração do seculo.

«Recommendo pois a todos os que se atrevem a libar a ambrosia das Hebes de salão, que não caíam em patentear a chamma, que os queima, sem primeiramente experimentarem se no seu tirocinio encontram a seguinte proporção:

«A somma de sorrisos d'ella está para a somma de suspiros nossos, assim como as herdades ou posição social do noivo estão para iguaes quantidades da noiva.

«N'isto se encerra o amor d'este seculo.

«É o amor ex-professo.

Transcrevo estes periodos, para eterna vergonha tua. E ousas dizer que tens um coração!

Não quero combater esta doutrina; digo-te só, para teu descanso, que ainda não fiz declaração a Violante... porque nada tenho que declarar-lhe.

Pois o que havia de dizer-lhe, senão que posso amal-a um dia, que é esse o meu desejo, e que talvez a ame já, como um louco?

Oh! Mas essas declarações fazem-n'as os olhos, que são os mensageiros eternos do amor.

Parece-me que tenho travado com ella certas phrases nimio-sentimentaes, mas declaração explicita pertence ao-acaso, ao deus dos namorados, em cujo numero não sei se devo incluir-me.

É alta noite. Reina a solidão n'este cantinho do mundo. Tudo aqui é placidez e innocencia, e as noites correm bem dormidas. Teu, etc.—ALFREDO DE MELLO.

(Continua.)

ERRATAS

No capitulo IV do romance *Galathea Moderna*, deve fazer-se as seguintes correções:

Pag. 74, col. 2. ^a , onde se lê	— <i>luctuar</i>	leia-se <i>fluctuar</i> .
• • • • •	— <i>dryadas</i>	• <i>dryades</i> .
• 75, • 4. ^a • • • •	— <i>exhausto</i>	• <i>exhausta</i> .
• • • • •	— <i>açoitado</i>	• <i>açoitada</i> .
• • • • •	— <i>deliciámos</i>	• <i>delirámos</i> .
• • • • •	— <i>Preso</i>	• <i>Presa</i>
• • • • •	— <i>constrange-se</i>	• <i>constranja-se</i> .
• • • • •	— <i>cupido</i>	• <i>aspide</i> .
• • • • 2. ^a • • • •	— <i>Melihen</i>	• <i>Melibeu</i> .
• • • • •	— <i>namorosos</i>	• <i>nemorosos</i> .

E mais alguns erros se encontram, que escaparam por defeito de revisão, e dos quaes pedimos desculpa aos leitores e ao auctor.

IIARPEJO

E vidi lagrimar cheduo bei lumi,
Ch'an fatto mille volte invidia al sole.

TASSO

Se soubesses quanto peno,
minha flor,
quando o teu olhar sereno,
turva a dor,

quando um véu de funda mágua
vejo ir
os teus olhos rasos d'agua
encobrir,

quando um ai do seio exhalas,
flor do ceu,
e m'escondes tuas fallas,
anjo meu;—

e se visses que almo gosto
reina em mim,
quando alegre esse teu rosto
vejo emfim;

se meu seio examinasses,
fosses ver
quando anima tuas faces
o prazer,

e teus olhos scintillantes
vejo a par
como dous astros amantes
palpitar;

quando corres vaporosa
para mim,
como a douda mariposa
do jardim;

quando, longe dos abrolhos,
vejo em ti
ceu d'amor, que dos teus olhos
me sorri:

ai se visses, se soubesses!...
então, sim,
ouvirias minhas preces,
cherubim.

De minh'alma doce incanto,
casta flor,
¿porque choras? susta o pranto,
deixa a dor.

Deixa a dor que assim te opprime
o coração,
como o sol que verga o vime
para o chão.

Vai ás flóridas campinas
respirar
os perfumes que as boninas
te sóem dar.

Vai, que o ceu é lindo; e o prado
te sorri
com mil flores que ha guardado
para ti.

E se á tarde pende a cóma
cada flor,
é perpétuo o sancto aroma
d'este amor.

Vizeu.

CANDIDO FIGUEIREDO.

As rosas brancas e incarnadas, os lírios roxos e azues, as cecens brancas, os bem-me-queres e as boninas com uma roza dourada no meio se guardam e enfeitam para os olhos dos homens; os frutos das arvores quando chegam á sua desejada perfeição, e as searas na fertilidade de suas espigas se tornam de ouro: e as mais formosas creaturas humanas, com as cabeças douradas mostram sua belleza; e a esta imitação trazem os principes e monarchas do mundo o ouro sobre a cabeça; os reis e imperadores nas corôas, os papas nas thiaras, ou bispos nas mitras, e as matronas illustres nos tocados, ao pescoço, sobre o peito, e pendurado das orelhas, nos dedos, e nos braços, fazendo voluntarias prisões da sua formosura.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.